

A Maravilhosa Palavra de Deus

Salmo 119.129-136 (NAA)

▫ Pê

¹²⁹Maravilhosos são os teus testemunhos; por isso, a minha alma os observa. ¹³⁰A revelação das tuas palavras traz luz e dá entendimento aos simples. ¹³¹Abro a boca e suspiro, porque desejo os teus mandamentos. ¹³²Volta-te para mim e tem compaixão, como costumas fazer aos que amam o teu nome. ¹³³Firma os meus passos na tua palavra, e não permitas que nenhuma iniquidade me domine. ¹³⁴Livra-me da opressão dos homens, e guardarei os teus preceitos. ¹³⁵Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo e ensina-me os teus decretos. ¹³⁶Meus olhos vertem rios de lágrimas, porque os outros não guardam a tua lei.

Vivemos numa época que perdeu o senso de maravilha. As telas devoram tudo que poderia surpreender — enquadram, aceleram e explicam. O que era presença vira registro. O que poderia assombrar chega já comentado, legendado, esgotado. Antes que o coração processe, já veio outra coisa. O resultado é uma alma treinada para consumir, não para contemplar. Nada mais assombra. Tudo virou conteúdo.

Mas a razão mais profunda para essa perda não é tecnológica. É teológica. Quando Deus sai do horizonte de uma cultura, a maravilha vai com ele.

Davi não perdeu esse senso — porque encontrou na palavra de Deus o objeto digno de toda admiração. Não uma admiração que paralisa. Uma admiração que move. Que ama. Que obedece. Que ora. Que chora.

Nesses oito versículos, Davi nos mostra três movimentos de uma alma transformada pela palavra maravilhosa de Deus.

A maravilhosa palavra de Deus **acende o ardor** — em quem a admira e a deseja (vs. 129-131). Ela **cultiva o fervor** — em quem ora e caminha por ela (vs. 132-135). E ela **alimenta o clamor** — em quem chora pelos que a desprezam (v. 136).

Esses oito versículos são um autorretrato espiritual. E ao mesmo tempo, um espelho. Ao olhar para Davi, somos convidados a perguntar: **o que a Palavra de Deus tem produzido em mim?**

1. A maravilhosa palavra de Deus — ela acende o ardor (vs. 129-131)

Versículo 129

Maravilhosos são os teus testemunhos; por isso, a minha alma os observa.

Há uma locução nesse versículo que não pode passar despercebida. São duas palavrinhas, uma de três sílabas e a outra de quatro, que carregam o peso de toda a estrofe. **Por isso.**

O salmista não diz simplesmente: “Maravilhosos são os teus testemunhos” — e depois, numa frase separada, sem conexão: “Eu observo os testemunhos de Deus.” Não. Davi trava as duas afirmações com um elo lógico: **por isso.**

Maravilhosos são os teus testemunhos; **por isso**, a minha alma os observa.

O que isso significa?

A obediência nasce da admiração.

Davi guarda a Palavra de Deus *porque* a acha maravilhosa. A admiração é o motor. A obediência é o resultado.

Isso inverte a lógica com que muitos de nós fomos apresentados à Bíblia. A lógica comum é esta: obedeça, ou haverá consequências. Leia, ou você vai se sentir culpado. Faça sua devoção, ou o dia vai mal. É a lógica do medo, da obrigação, do dever frio. Davi não conhece essa lógica. Obedece porque ficou deslumbrado.

Mas deslumbrado com o quê?

Thomas Manton, puritano do século XVII, enumera cinco dimensões dessa maravilha.

- I. A Palavra é maravilhosa na sua **majestade e composição** — ela fala com um peso e uma autoridade inconfundíveis; quem a lê com atenção sente que não está diante de um livro humano, e essa majestade provoca reverência nos que param para considerá-la.
- II. A Palavra é maravilhosa na **profundidade dos seus mistérios** — nenhum outro livro contém o que ela contém sobre as realidades mais sólidas de toda a existência: Deus, Cristo, a criação, a queda do homem no pecado, a eternidade.
- III. A Palavra é maravilhosa na sua **pureza e perfeição** — Dez Mandamentos, por exemplo, abrangem todo o dever humano — quatro regulando o amor a Deus, seis regulando o amor ao próximo. E o décimo vai fundo onde nenhuma lei humana jamais chegou: não apenas o que fazemos, mas o que desejamos. “Não cobiçarás”. Deus legisla sobre o coração.
- IV. A Palavra é maravilhosa na **harmonia das suas partes** — toda a fé cristã é de uma peça só, nenhuma parte contra-

diz a outra, e todas conspiram para um único fim: a sujeição da criatura a Deus, com fé e deleite.

- V. E a Palavra é maravilhosa no seu **poder** — há uma força que acompanha a palavra de Deus e assombra os corações dos que a consideram e a sentem.

Charles Spurgeon sintetiza: “Os que mais conhecem a Palavra de Deus são os que mais se maravilham com ela.” Não é como as coisas do mundo, que perdem o encanto com o uso. Com a Palavra de Deus é o contrário: quanto mais você a conhece, maior fica a maravilha.

Reparem ainda em algo que seria fácil passar em branco.

O salmista não diz “eu guardo os teus testemunhos.” Ele diz: “a minha alma os observa.” Essa distinção não é acidental: não apenas *eu*, mas *meu eu mais verdadeiro, meu ser mais profundo*.

Disso se aprende que os testemunhos do SENHOR devem ser depositados na alma como as tábuas da lei dentro da arca — no lugar mais íntimo, mais protegido, mais precioso. Não na cabeça apenas. Na alma — para que se viva e obedeça com deleite.

Versículo 130

A revelação das tuas palavras traz luz e dá entendimento aos simples.

Esse versículo aprofunda o anterior.

Se antes Davi nos disse **por que** obedece — porque admira —, agora nos diz **o que** justifica tanta admiração: **a Palavra ilumina**.

A palavra traduzida por “revelação” no hebraico é *pethach* — e carrega um duplo sentido revelador. Pode significar porta. Pode significar desdobramento, revelação.

James M. Boice explica que nos primeiros tempos dos hebreus, eles viviam em tendas. A única abertura na tenda era o retalho de couro que servia de porta. Quando essa porta se abria, a luz

inundava o interior escuro. Porta e revelação são a mesma coisa. Quando a Palavra se abre — quando é desdobrada, proclamada, explicada; quando é lida e entendida —, a luz entra.

Spurgeon foi extraordinário aqui, quando disse:

Mal a Palavra ganha admissão na alma, ela a ilumina. Sua simples entrada já inunda a mente de instrução. Mas é preciso que haja essa entrada. O mero ouvir com o ouvido externo tem pouco valor; mas quando as palavras de Deus entram nas câmaras do coração, a luz se espalha por todos os lados.

E para quem essa luz é prometida? “Aos simples.”

Não é elogio à ignorância — é elogio à humildade. Lutero dizia que a sabedoria da Bíblia se revela aos prontos para ser ensinados, não àqueles que querem julgar.

William Gurnall escreveu:

O mestre às vezes manda o aluno embora porque não consegue fazer um estudante dele; mas se o Espírito de Deus é o Mestre, você aprenderá — mesmo sendo um ignorante.

Portanto, seja humilde. Abra a Bíblia. Coloque-se aos pés do Senhor. Suplique ao Espírito que ilumine sua mente e coração — não apenas para entender a leitura, mas para se maravilhar com o Deus que ela revela: Pai, Filho e Espírito Santo.

Observe o resultado:

Versículo 131

Abro a boca e suspiro, porque desejo os teus mandamentos.

Aqui Davi nos mostra o que a Palavra literalmente causa em seu corpo. “Abro a boca e suspiro.” Não é metáfora decorativa. É a linguagem de alguém com falta de ar mesmo. Suspirando.

Thomas Manton descreve dois quadros sobrepostos aqui no versículo 131: o homem ofegante de calor, que abre a boca em busca de ar fresco — e o homem exausto de correr atrás do que deseja, que para, arqueja com as mãos apoiadas nos joelhos, não con-

segue nem falar. E John Phillips acrescenta a imagem do veado encurralado na caça, os flancos palpitando, a boca aberta, ofegando por água de um riacho distante. Toda a sua existência anseia com um desejo que não pode ser negado.

Henry Melvill lê de um ângulo complementar:

“Abri a boca e ofeguei” — esgotado de correr atrás de sombras, sentei exausto, sem ter chegado a lugar nenhum.
“Porque desejo os teus mandamentos” — e então percebi: só os mandamentos de Deus podem satisfazer os desejos de um ser imortal.

Ah, meus irmãos, quando Cristo é formado na alma, surgem esses anseios — inexplicáveis a quem é estranho à obra da graça. Você não fabrica esse desejo. Ele é fruto da obra do Espírito. E ele pode ser avivado. O **Salmo 81.10** guarda a promessa: “Abre bem a boca, e eu a encherei.” — lembrou Matthew Henry.

Você já se perguntou por que a Bíblia parece chata?

Talvez seja porque alguém a apresentou a você como obrigação, não como maravilha. O salmista não guarda a Palavra porque tem medo — ele a guarda porque ficou deslumbrado. Peça a Deus que abra seus olhos para a maravilha antes de abrir a página.

Há coisas que — eu sei, sei por experiência própria — fazem você abrir a boca e suspirar: uma paisagem, uma música, uma pessoa, um projeto ou um objeto. O salmista conhecia esse sentimento. E ele direcionava toda essa intensidade para a palavra de Deus.

A pergunta, portanto, não é se você tem capacidade de desejar com ardor. A pergunta é: **para onde vai esse ardor?**

Spurgeon estava certo — quanto mais você conhece a Palavra, maior fica a maravilha. Se ela foi perdendo o brilho, não é porque envelheceu ou seja em si sem graça. É porque a rotina anestesiou a admiração. Peça a Deus que abra as Escrituras, abra seus olhos, abra sua mente. A luz ainda está lá.

2. A maravilhosa palavra de Deus — ela cultiva o fervor (vs. 132-135)

Os versículos 129 a 131 nos mostraram uma alma ardente — que admira, que obedece, que suspira. Mas agora o salmista nos revela algo fundamental: esse ardor não se sustenta sozinho. Ele precisa ser cultivado. E é exatamente aqui que a Palavra maravilhosa revela outra de suas faces — ela cultiva o fervor por meio da oração.

Reparem na virada estrutural entre o versículo 131 e o 132.

Nos versículos 129 a 131, o salmista contempla e deseja. A partir do versículo 132, ele ora. O desejo vira clamor. A admiração vira dependência.

E essa dependência se desdobra em quatro petições — cada uma mais profunda que a anterior, do versículo 132 ao 135

Versículo 132

Volta-te para mim e tem compaixão, como costumás fazer aos que amam o teu nome.

Reparem no que Davi faz aqui. Ele não apresenta argumentos sobre si mesmo. Não lista suas virtudes. Não invoca seus feitos passados. Ele apoia seu pedido inteiramente no caráter de Deus:

“Como costumás fazer.”

Essa locução é a espinha dorsal do versículo. Davi está dizendo: SENHOR, eu sei como tu ages com os que te amam — age comigo da mesma forma.

Note a humildade dessa petição:

Davi não pede as operações da mão de Deus — pede apenas o sorriso compassivo do seu rosto. Um bom olhar já é suficiente. E não pleiteia mérito — implora **compaixão**.

Davi não pede nem mais nem menos que o quinhão dos filhos de Deus: “SENHOR, não quero nenhum atalho para a glória. Sê

compassivo para comigo, como costumava ser com os que amam o teu nome.” Só isso.

Ah, meu povo, a compaixão de Deus para com pecadores é a mais maravilhosa de todas as maravilhas. Por isso, pela obra e compaixão de Cristo, você pode clamar: “Volta-te para mim e tem compaixão, como costumava fazer aos que amam o teu nome.”

Tem mais...

Versículo 133

Firma os meus passos na tua palavra, e não permitas que nenhuma iniquidade me domine.

Se no versículo 132 Davi pediu o olhar de Deus, agora pede a mão de Deus — que firme seus passos. A petição tem dois lados inseparáveis, positivo e negativo.

O lado positivo: “Firma os meus passos na tua palavra.” O hebraico *hachen* significa estabilizar — não caminhar com passo vacilante. Davi não pede apenas que seus passos não ultrapassem os limites da Palavra — pede que caminhem dentro dos caminhos por ela prescritos.

Há diferença entre não errar o caminho e andar bem dentro dele. É a diferença entre o marido que não trai a esposa e o marido que a ama bem. Um não errou o caminho. O outro andou dentro dele. É a diferença entre o corredor que não sai da pista e o corredor que corre com técnica, postura e ritmo. É a diferença entre o músico que não erra as notas e o músico que toca com alma.

Eis o lado positivo: “Firma os meus passos na tua palavra.”

E o lado negativo da petição é este: “não permitas que nenhuma iniquidade me domine.” Aqui Davi nomeia o perigo interior — o pecado que quer governar de dentro.

Spurgeon observa: “Os crentes anseiam por perfeita liberdade do poder do mal — e, conscientes de que não podem obtê-la por si mesmos, clamam a Deus por ela.”

Manton, ao comentar Romanos 6, ilumina com precisão: Paulo não diz que o pecado não deve *tirar* — diz que não deve *reinar*. Tirar é brutalidade. Reinar é ter um trono estabelecido, um domínio tranquilo, não perturbado. Quando deixamos o pecado habitar quieto no coração, sem mortificá-lo, sem expô-lo à Palavra — ele reina. E reina como rei legítimo, porque nós o deixamos sentar.

E não é por acaso que Paulo, em Romanos 6, traz luz a essa oração de Davi.

O apóstolo escreveu: “Não permitam que o pecado reine em seu corpo mortal” — esse é o imperativo (Rm 6.12).

E a promessa que o sustenta: “o pecado não terá domínio sobre vocês” (Rm 6.14).

O que Davi ora no versículo 133 — “não permitas que nenhuma iniquidade me domine.” — Paulo proclama em Romanos 6.14 — “o pecado não terá domínio sobre vocês”.

Os dois falam da mesma realidade: a santidade não é conquista do esforço humano — é fruto da graça de Deus em resposta à oração dependente. E ainda:

Versículo 134

Livra-me da opressão dos homens, e guardarei os teus preceitos.

O versículo 133 nomeou o perigo interior: a iniquidade do coração. O versículo 134 nomeia o perigo exterior: a opressão dos homens. A oração de Davi cobre os dois fronts.

Thomas Manton identifica três sentidos da palavra “*homens*” nesse versículo. Um sentido por **distinção**: não é o diabo que Davi teme, mas os homens. Outro sentido por **agravamento**: há algo profundamente corrompido no homem que oprime o seu semelhante — nenhum predador é tão cruel com os da própria espécie. E há o sentido por **diminuição** — e este é o mais importante: eles são apenas homens. Diante de Deus, são *adam* — pó.

É a palavra do SENHOR em Isaías: “Quem és tu, para temer o homem que é mortal, que não passa de erva?” (Is 51.12).

Deus pode facilmente romper qualquer jugo humano.

“**Livra-me da opressão dos homens**” (v. 134) — não é apenas um pedido de alívio. É um pedido de proteção espiritual. Porque a opressão não é apenas sofrimento — é tentação também. Pode ser um chefe que humilha. Um cônjuge que controla. Uma família que pressiona. Uma cultura que ri da sua fé. Essas pressões não apenas machucam — elas pressionam para nos dobrar. Cansam a vontade, enfraquecem a resistência, fazem a obediência parecer cara demais. E aos poucos a pessoa vai cedendo — não por convicção, mas por exaustão.

Davi não orou “dá-me força para aguentar.” Orou “**livra-me.**” Porque conhecia o próprio coração — e sabia que a liberdade não é apenas conforto. A liberdade amplia o culto. Há uma diferença entre obedecer acorrentado e obedecer de braços abertos.

Davi quer obedecer de todo o coração: “Livra-me da opressão dos homens, e guardarei os teus preceitos.” (v. 134). Agora...

Versículo 135

Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo e ensina-me os teus decretos.

Chegamos ao clímax das petições — e o clímax surpreende.

Depois de pedir compaixão, firmeza, livramento — Davi não pede proteção, prosperidade, saúde. **Davi pede o rosto de Deus.**

Há aqui o eco consciente da bênção aarônica de Números 6.24-26: “O SENHOR te abençoe e te guarde... faça resplandecer o seu rosto sobre ti.”

Essa bênção não era protocolo litúrgico — era o resumo de tudo que Israel poderia desejar de Deus. O rosto de Deus resplandecendo sobre o seu povo significava favor, presença, comunhão. Moisés pediu para ver a face de Deus — e Deus o escondeu na

fenda da rocha, cobriu-o com a mão, e passou proclamando seu nome. O mais perto que um homem pecador poderia chegar.

Mas reparem no que Davi acrescenta imediatamente: “Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo e ensina-me os teus decretos” (v. 135).

Para Davi, o brilho do rosto de Deus se traduz em instrução. Ver a face de Deus é ser ensinado por Deus. A maior graça não é riqueza, nem proteção — é ser ensinado a conhecê-lo, desfrutá-lo e obedecê-lo bem.

Tomás de Kempis, o monge medieval que passou a vida meditando na Palavra, escreveu sobre o ensino divino palavras que chegam intactas até nós:

Os ministros pronunciam as palavras, mas só Tu acendes o coração. Administram a letra, mas Tu abres o sentido. Apontam o caminho, mas Tu dás força para andar nele. Fala, Senhor, pois o teu servo ouve.

É isso que Davi está pedindo. Não apenas que alguém lhe explique os decretos — mas que o próprio Deus, com o rosto resplandecente, seja o seu mestre.

E Charles Bridges soma a isto a perspectiva eterna: “Ver o rosto do Rei — eis o privilégio presente e a perspectiva eterna dos crentes.” De fato! Eles “contemplarão a sua face.” (Ap 22.4).

A maior necessidade do homem não é segurança. É comunhão — com Deus, face a face. E isso só é possível por meio de Jesus Cristo, o rosto glorioso de Deus Pai, revelado nas Escrituras.

QUANDO VOCÊ ORA, o que leva na mão — o seu comportamento ou o caráter de Deus? Davi não foi a Deus com uma lista de méritos. Foi com uma lista de promessas. Aprenda a orar com a Bíblia na mão. Em nome de Cristo. Pelos méritos de Cristo.

HÁ DOIS INIMIGOS tentando tirar você do caminho — um de dentro e um de fora. O versículo 133 nomeia o de dentro: o pecado

que quer reinar quieto. O versículo 134 nomeia o de fora: a pressão que quer dobrar sua consciência. Davi orou contra os dois. Você também pode. E deve.

No fim de todas as petições, Davi não pediu segurança — **pediu o rosto de Deus**. É possível ter todas as bênçãos da mão de Deus e ainda sentir falta do sorriso do seu rosto. Essa é a oração mais profunda que você pode fazer hoje.

3. A maravilhosa palavra de Deus — ela alimenta o clamor (v. 136)

Davi pediu o olhar de Deus. Pediu passos firmes. Pediu livramento da opressão. Pediu o rosto de Deus. E agora — depois de tanta oração, depois de tanto fervor — esperaríamos um versículo de vitória, de louvor, de celebração. Mas não é isso que vem. O que vem é água. Rios de água — de lágrimas.

Versículo 136

Meus olhos vertem rios de lágrimas, porque os outros não guardam a tua lei.

Reparem na causa das lágrimas.

Davi não chora por si mesmo. Não chora pelas suas tribulações, pelo exílio, pelos inimigos. Ele chora **pelos outros**. Chora porque **eles não guardam a lei de Deus**.

Matthew Henry cunhou uma frase que atravessa séculos: “Os pecados dos pecadores são as tristezas dos santos.” Não os nossos pecados apenas — os deles.

Quem realmente ama a Palavra não consegue ficar indiferente diante de quem a despreza. As aflições de Davi não arrancaram tantas lágrimas quanto os pecados dos outros. O exílio, a perseguição, a traição do próprio filho Absalão, a morte desse e de outro — tudo isso doeu. Mas nada doeu tanto quanto ver o nome de Deus desonrado.

Esse é o homem que rasgou um urso com as próprias mãos. Que matou leões. Que derrubou gigantes. Um guerreiro sem igual. E agora chora. O que faz um homem assim chorar? Uma única coisa: ver a lei de Deus pisoteada.

Spurgeon observa que esse versículo marca um avanço no Salmo inteiro: “O crente maduro é aquele que se entristece pelos pecados dos outros. O Salmo e o salmista estão crescendo.”

E essas lágrimas não são raiva disfarçada. Não são julgamento com lágrimas nos olhos. São lágrimas que, nas palavras de Robert Leighton, “trariam água para apagar o fogo — não para atiçá-lo.” É compaixão. É dor pastoral. É o coração que ama a Palavra sofrendo pela ausência dela na vida de outros.

E aqui o arco da estrofe se fecha.

Versículos 129 a 131: Davi ama e deseja a Palavra.

Versículo 136: outros a abandonam.

A admiração que acendeu o ardor (vs. 129-131), o fervor que sustentou a oração (vs. 132-135) — tudo culmina em lágrimas pelos que não têm nada disso (v. 136).

O amor à Palavra nunca é só para si. Ele sempre olha para fora — e chora. E intercede. E anuncia a salvação em Jesus Cristo.

Quando um amigo seu se afasta de Deus, o que você sente — tristeza ou indiferença?

A indiferença é sinal de que o amor à Palavra ainda não amadureceu o suficiente para olhar além de si mesmo. Oswald J. Smith escreveu que “a geração que não chora pelos perdidos também não os alcança.”

Compaixão não é fraqueza — é a marca de quem foi tocado pela graça. Quanto tempo faz que você chorou pelos que estão longe de Deus? Não com raiva. Não com julgamento. Com compaixão. Com rios de água — como Davi.

Do salmista ao Salvador

Oito versículos. Três movimentos. Uma alma inteira.

1. A palavra maravilhosa de Deus acende o ardor.
2. A palavra maravilhosa de Deus cultiva o fervor.
3. A Palavra maravilhosa de Deus alimenta o clamor.

Bonito.

Mas nós não conseguimos.

Entretanto, há Alguém que viveu esses três movimentos em perfeição absoluta.

E nele, ele vivendo em nós e nós nele, conseguiremos.

Cristo ardeu — o zelo da casa do SENHOR o consumiu (Jo 2.17). Ele orou — com especificidade, com dependência, pedindo a face do Pai até suar “como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lc 22.44; Jo 17). Ele chorou — sobre Jerusalém, pelos que não quiseram a Palavra (Lc 19.41); diante do túmulo de Lázaro, pela dor que o pecado produz no mundo (Jo 11.35).

O salmista antecipou. Cristo realizou.

E há ainda mais: Cristo não apenas viveu a Palavra — **Cristo é a Palavra**. “No princípio era o Verbo... e o Verbo se fez carne” (Jo 1.1,14). Tudo que Davi admirou nos testemunhos de Deus encontra sua plenitude na pessoa do Filho eterno. A face de Deus que o salmista tanto ansiava ver — nós a vemos no rosto de Jesus Cristo (2Co 4.6).

Pela fé nele. Pelos méritos dele. Na força do seu Espírito — essa mesma alma que arde, ora e chora pode ser a sua.

S.D.G. L.B.Peixoto.